



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

CLAUDIANE MARIA DA SILVA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO**

**MACEIÓ-AL
2025**

CLAUDIANE MARIA DA SILVA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO**

Trabalho de conclusão de Curso Apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Felix da Silva

MACEIÓ-AL
2025

CLAUDIANE MARIA DA SILVA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para a obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 02/06/2025.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Felix da Silva (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora

Documento assinado digitalmente
JEANE FELIX DA SILVA
Data: 27/07/2025 17:06:36-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Jeane Felix da Silva
(CEDU/UFAL)
Presidente

Documento assinado digitalmente
GIVANILDO DA SILVA
Data: 09/06/2025 15:54:51-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Givanildo da Silva
(CEDU/UFAL) - Avaliador

Documento assinado digitalmente
ANDRESSO MARQUES TORRES
Data: 12/06/2025 14:14:35-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Andresso Marques Torres
(CEDU/UFAL) - Avaliador

Maceió – AL
2025

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Claudiane Maria da Silva
claudiane.maria@cedu.ufal.br

Profa. Dra. Jeane Felix da Silva
jeane.silva@cedu.ufal.br
(Orientadora)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada no Estágio Supervisionado em Alfabetização e Letramento, componente curricular obrigatório do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas. Por ser realizado no turno noturno, o referido Estágio teve como foco a Educação de Jovens e Adultos, a partir da experiência do Estágio, das atividades realizadas e da interação com os/as alunos/as. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, envolvendo observação participante e registro em diário de campo. O Estágio proporcionou uma visão mais aprofundada sobre a realidade dos/as estudantes da EJA, ampliando as contribuições para a formação no curso de Pedagogia. Os principais resultados evidenciam avanços na participação e no engajamento dos/as alunos/as durante as atividades propostas, além do fortalecimento do vínculo entre eles/as e a escola. As regências mostraram o potencial das práticas pedagógicas sensíveis como ferramentas para promover aprendizagens significativas no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; EJA; Pedagogia; Estágio Supervisionado; Alfabetização.

ABSTRACT

This paper aims to report the experience lived during the Supervised Internship in Literacy and Language Development, a mandatory curricular component of the Pedagogy Course at the Federal University of Alagoas. As it was carried out in the evening shift, the Internship focused on Youth and Adult Education (YAE), based on the experience of the Internship itself, the activities carried out, and the interaction with the students. The methodology used was of a qualitative nature, involving participant observation and field diary records. The Internship provided a deeper understanding of the reality of YAE students, enhancing contributions to the training in the Pedagogy course. The main results show progress in student participation and engagement during the proposed activities, as well as the strengthening of the bond between students and the school. The teaching practices demonstrated the potential of sensitive pedagogical approaches as tools to promote meaningful learning in the school environment.

Keywords: Youth and Adult Education; YAE; Pedagogy; Supervised Internship; Literacy.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada no Estágio Supervisionado em Alfabetização e Letramento, componente curricular obrigatório do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Por ser realizado no turno noturno, o referido Estágio foi realizado em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O Estágio possibilitou vivenciar atividades de docência junto a jovens e adultos/as estudantes desta modalidade. O Estágio foi realizado em uma escola municipal da cidade de Joaquim Gomes, estado de Alagoas, e permitiu conhecer e vivenciar o cotidiano escolar, bem como refletir sobre essa vivência.

De acordo com Pimenta e Lima (2004), o Estágio não deve ser entendido apenas como um requisito curricular, mas como um espaço de experimentação e aprendizagem prática, que contribui para o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de intervenção pedagógica. Segundo as autoras, o Estágio permite:

[...] considerar as transformações históricas e sociais decorrentes dos processos de democratização do acesso, que trouxe para a escola novas demandas e realidades sociais, com a inclusão de alunos até então marginalizados do processo de escolarização e dos processos de transformação da sociedade, de seus valores e das características que crianças e jovens vão adquirindo (Pimenta; Lima, 2004, p.8).

Na mesma perspectiva, Silva e Gaspar (2018, p. 206) definem o Estágio Supervisionado como “um espaço de aprendizagem da profissão docente e de construção da identidade profissional”. Por isso, ao Estágio “deve ser atribuído um estatuto epistemológico indissociável da prática, concebendo-o como práxis, o que o define como uma atitude investigativa que envolve a reflexão e a intervenção em questões educacionais” (Silva; Gaspar, 2018, p. 206).

Nesse sentido, este relato-reflexivo apresenta algumas das experiências vivenciadas durante o Estágio, com destaque para as aprendizagens possibilitadas a partir do contato com estudantes e docentes da EJA. A EJA é um campo desafiador, caracterizado pela diversidade de experiências de vida dos sujeitos, além de variados níveis de escolarização, o que exige um olhar atento e estratégias pedagógicas adaptadas para cada necessidade. Nesse contexto, é importante desenvolver um olhar mais consciente sobre essa modalidade da Educação, que não se resuma a ideias prontas e métodos iguais para todos/as.

Para Madalena Freire (2002, p. 2), “ver e ouvir demanda implicação, entrega ao outro”. Estar aberto para vê-lo e/ou ouvi-lo como é, no que diz, partindo de suas hipóteses, de seu pensar. É buscar a sintonia com o ritmo do outro, do grupo, adequando em harmonia o nosso”. Dessa forma, cabe ao/a educador/a estar sensível aos contextos de aprendizagem na EJA, com sujeitos adultos, em geral trabalhadores/as, para promover com eles/as a construção conjunta de saberes.

Desse modo, o referido Estágio me possibilitou experienciar uma vivência no contexto escolar da EJA, acionando os conhecimentos adquiridos ao longo da formação acadêmica no curso de Pedagogia, além de promover um espaço para reflexão e aprimoramento das minhas práticas pedagógicas. É importante ressaltar que sou egressa da EJA, modalidade na qual cursei o Ensino Médio em etapa intensiva, cursando dois anos escolares em um único período, com o objetivo de acelerar a conclusão dos meus estudos.

A sistematização das vivências foi realizada a partir de anotações que eram feitas após as idas à escola, utilizando um caderno que separei especificamente para isso. As observações eram feitas assim que chegava em casa, aproveitando o fato de que as informações e memórias ainda estavam nítidas em minha mente. Costumava anotar informações relevantes para o meu relato de experiência, tais como falas dos/as alunos/as, alguns comportamentos que considerei importantes relatar, além das minhas próprias reflexões. Durante a estadia na escola, algumas vezes ia anotando ideias-chave e sensações e não era possível anotar no momento, recorria a registros fotográficos, sempre solicitando autorização para realizá-los.

Sistematizar uma vivência é importante porque nos permite refletir sobre as nossas ações, dialogando com os conhecimentos teóricos e práticos que vamos adquirindo ao longo da nossa formação. Para Jara (2006, p. 30), sistematizar “é um processo reflexivo intencional orientado por objetivos concretos”. Para o autor é importante trocar experiências com outras pessoas, vivenciar intensamente cada etapa e, para que se possa refletir sobre todo o processo, é importante fazer registros de nossa trajetória de forma clara e objetiva.

Tudo isso só tem sentido na medida em que nos ajuda a entender como chegamos ao momento em que estamos; quer dizer, a explicar-nos nossa própria trajetória e não para reconstruir o passado por reconstruir e sim para poder compreender melhor nosso presente, localizando - a partir da trajetória acumulada - os elementos, características, contradições e desafios da etapa atual em que nos encontramos (Jara, 2006, p. 30).

No Estágio Supervisionado, escrever, mesmo que sobre as próprias vivências, nem sempre é fácil, principalmente porque é preciso articular às anotações reflexões teóricas, que

permitam a fundamentação do relato. Mas, ao mesmo tempo, escrever nos ajuda a sistematizar as ideias e a refletir sobre os processos de aprendizagem obtidos. Para Silva e Gaspar:

A escrita é uma poderosa arma de comunicação, capaz de estabelecer vínculos e importantes relações sociais. Escrever é expressar ideias, conceitos, informações, sentimentos e sensações. É eternizar no papel palavras que permanecerão gravadas ao longo do tempo (Silva; Gaspar, 2018, p. 209).

As autoras afirmam, ainda, que é preciso “proporcionar atividades que objetivem refletir sobre si e as práticas docentes”. Contudo, os diários com anotações sobre o Estágio possuíam um tom menos formal, onde era possível registrar sentimentos, observações foi um desafio. A escrita sobre a vivência dos Estágios, em geral, “é tratada como um desafio, uma vez que no curso superior somos apresentadas a uma visão da escrita pautada pela formalidade, em textos científicos que nos exigem maior rigor” (Silva; Gaspar, 2018, p. 209).

O Estágio foi realizado em uma turma pertencente à primeira fase da EJA, focando no processo de alfabetização e letramento. Durante o Estágio, foram vivenciadas diversas etapas, que incluíam desde o planejamento das aulas, passando pela observação dos desafios dos alunos e alunas, até a implementação das atividades pedagógicas. A experiência foi marcada por ajustes constantes no planejamento, dada a diversidade de níveis de aprendizagem da turma, e a necessidade de criar um ambiente acolhedor e dinâmico. Além disso, o Estágio me ofereceu a oportunidade de trabalhar com temas que envolvem a realidade da EJA, como a evasão escolar, a superação de dificuldades e o incentivo à autoestima e ao autoconhecimento.

Assim, neste trabalho, busco não só descrever as atividades realizadas, mas também refletir sobre a importância da adaptação constante, da valorização dos/as alunos/as e da construção de um espaço de aprendizagem inclusivo e significativo. Além disso, busco discutir aspectos desafiadores e potentes que a vivência do Estágio me propiciou. Inspirada em Freire (2002), compreendo que o olhar crítico, vai além do que podemos ver superficialmente, é sobre o que estamos vendo de forma reflexiva entendendo o processo do/a aluno/a um olhar que não se limita mas busca compreender e questionar o que está sendo observado.

Diante disso, este relato de experiência foi desenvolvido a partir de uma metodologia qualitativa, com foco na observação participativa, no planejamento de uma sequência didática interdisciplinar e na realização de regências voltadas ao desenvolvimento pessoal e social dos/as alunos/as. As estratégias adotadas buscaram respeitar os diferentes níveis de

alfabetização, promover vínculos com a escola e estimular a reflexão crítica, com base em práticas pedagógicas sensíveis à realidade dos sujeitos envolvidos.

2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

O Brasil é um país que se constitui pela desigualdade social. Essa desigualdade se reflete de forma intensa na Educação, já que grande parte da população de nosso país não é alfabetizada ou tem baixa escolaridade. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/Contínua), publicada em 2023¹, a taxa de analfabetismo no Brasil, em 2022, era de 5,6%. Ainda, de acordo com a pesquisa, no Brasil, quase 10 milhões de pessoas com 15 anos ou mais que não sabem ler nem escrever, sendo que mais da metade são pessoas idosas e moram no nordeste. O estado de Alagoas é um dos três estados com a maior taxa de analfabetismo no país. Esses dados indicam que há fortes desigualdades regionais: o Nordeste enfrentou a maior taxa (11,1%), e os cinco estados com os piores índices foram Alagoas (14,3%), Piauí (13,8%), Paraíba (12,8%), Ceará (11,7%) e Maranhão (11,4%). Essa realidade evidencia a importância de políticas voltadas à EJA e à alfabetização de jovens e adultos/as.

Do ponto de vista legal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDBEN (Brasil, 1996), assegura a educação como um direito social fundamental para a promoção da cidadania e traz a EJA como uma modalidade da Educação Básica. Segundo a LDBEN: a EJA tem como objetivo a “oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola” (Brasil, 1996, p. 10). A EJA se configura como a modalidade do ensino voltada a um público marcado pela diversidade de histórias, vivências e experiências educacionais.

Muitos desses/as estudantes enfrentaram interrupções em sua trajetória escolar devido à necessidade de trabalhar, à falta de acesso à educação ou às dificuldades socioeconômicas. Outros, por não se adaptarem às normas escolares quando eram crianças ou adolescentes, encontraram na EJA uma possibilidade de recomeço. Miguel Arroyo (2017) traz essa visão quando fala sobre os trajetos que esses/as educandos/as fazem para se deslocar até a escola. O autor aponta que esse percurso não é apenas físico, mas que representa jornadas e existências

¹ Informações disponíveis em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/educacao/audio/2023-06/taxa-de-analfabetismo-cai-no-brasil-e-passa-de-61-para-56>. Acesso em 10-06-25.

carregadas de significados sociais, e que esses/as alunos/as não são apenas pessoas que buscam por conhecimento, mas sujeitos com trajetórias de lutas e resistências.

Nas palavras de Arroyo (2017, p. 22), os sujeitos da EJA são “personagens pobres, trabalhadores empobrecidos das cidades ou dos campos, mulheres, negros/as”. Ou seja, são “passageiros do fim do dia e do início da noite – não são aqueles que se deslocam nos carros para o trabalho, para as faculdades ou para as casas – homens, mulheres, brancos/as, das classes médias, altas. São outros sujeitos e outros deslocamentos”. São, pois, “aqueles/as cujos marcadores sociais os posicionam nas minorias (raciais, sociais e de classe).

Nesse contexto, é fundamental que os processos de ensino-aprendizagem estejam diretamente conectados às realidades desses sujeitos, respeitando suas especificidades e reconhecendo os múltiplos contextos nos quais estão inseridos. Para Tânia Moura:

Esses sujeitos que buscam a escola, tardiamente, para se escolarizar, apresentam inúmeras características, que os diferenciam das crianças, tais como: ultrapassaram a idade de escolarização formal estabelecida pelas diversas legislações educacionais; estão inseridos no sistema produtivo (ou temporariamente fora dele), são os responsáveis pela produção dos bens materiais, mas são excluídos da participação (Moura, 2007, p. 3)

Mais do que abordar conteúdos, a prática pedagógica na EJA deve estabelecer uma relação dialógica com os/as alunos/as, valorizando seus conhecimentos prévios e experiências de vida. A esse respeito, Paulo Freire (1996) oferece uma base sólida, ao propor que a educação ocorra por meio do diálogo e da construção coletiva do saber. Segundo Freire (1996), o ato de ensinar deve respeitar a autonomia do/a educando/a e reconhecê-lo como sujeito ativo de seu processo formativo. Para o autor, a autonomia se constrói em um processo educativo dialógico, no qual educador/a e educando/a aprendem juntos/as, em um ambiente de respeito, escuta e troca de experiências. Nas palavras de Freire:

A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas. A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de apreender a substantividade do objeto aprendido (Freire, 1996, p. 28).

Em relação à EJA, Moura (2004) também destaca que ela deve ser construída a partir do reconhecimento dos sujeitos como protagonistas de suas aprendizagens, o que exige do/a educador/a uma escuta sensível e uma atuação mediadora, já que esses sujeitos trazem consigo experiências de vida marcada por desigualdades, especialmente no que fala sobre respeito à alfabetização e à baixa escolaridade. Para Moura:

Analfabetismo que, em relação aos adultos, apresentava a face mais cruel por vários motivos: impedia-os de ajudarem e motivarem os seus filhos nos seus processos de aprendizagem, impedia-os de terem acesso a vários benefícios sociais e os impossibilitava de desenvolverem formas de inserção na sociedade que garantisse o exercício pleno da cidadania e ainda, fazia com que fossem tratados, na sociedade "letrada" como seres inferiores, incapazes e, portanto, subordinados (Moura, 2004, p. 46).

A diversidade das turmas da EJA também impõe desafios importantes à prática docente, exigindo estratégias que respeitem os ritmos individuais de aprendizagem e as diferentes trajetórias escolares dessas pessoas que são, em sua grande maioria, trabalhadoras. Tais aspectos demandam metodologias de ensino inclusivas e flexíveis, capazes de se adaptar às condições concretas dos/as alunos/as. Muitos/as deles/as convivem com jornadas de trabalho extensas, responsabilidades familiares e dificuldades de locomoção, o que pode comprometer sua permanência na escola.

Segundo Amorim e Duques (2017), o trabalho na EJA exige uma prática pedagógica constantemente refletida, pois trata-se de um ensino que deve responder a múltiplas demandas sociais e proporcionar aprendizagens contextualizadas na realidade dos educandos. pois cada um traz sua própria trajetória, esse sujeito deve ser visto é entendido diante das suas particularidades o educador precisa assim estar aberto há enxergar o aluno como alguém além de seus estereótipos quebrando essas imagens prontas colocadas por uma sociedade carregada de uma visão limitada sobre quem pode ou deve estar na escola, ignorando o percurso de cada sujeito da EJA. De acordo com Coura (2007, p.2), “evidenciando que o retorno à escola, mesmo na Terceira Idade, é impulsionado por sonhos antigos, desejos de superação e, sobretudo, pela busca de sentido e qualidade de vida”. Isso exige práticas que desenvolvam o pensamento crítico, a autonomia e a participação ativa dos/as estudantes no processo de aprendizagem.

As estratégias pedagógicas são essenciais para que o ensino na EJA seja baseado em abordagens contextualizadas, que articulem os conteúdos escolares com as vivências concretas dos/as alunos/as, por meio de atividades que possam tornar o aprendizado do cotidiano mais atrativo. Freire (1996) diz que a formação do/a professor/a para atuar na EJA precisa estar ancorada em princípios éticos, críticos e humanos que respeitem esses sujeitos e as suas condições de vida. A EJA, nesse sentido, demanda uma atuação docente atenta às singularidades dos/as estudantes, pautada no respeito, no acolhimento e na valorização dos saberes que cada um/a traz. Para Arroyo:

Os percursos da cidade ou dos campos como passageiros da noite, do fim do dia, talvez os levem a reinventar suas esperanças de outros itinerários de outros percursos humanos. Os seus mestres e gestores tentam reconhecer essa carga humana de vivências retomadas com que chegam. Volta a pergunta: Os novos itinerários ajudarão a entenderem-se? Ao entenderem essa sociedade, essas relações sociais, esses padrões de trabalho, de apropriação da terra que, desde criancinhas, teimam em condená-los a viver e a reviver os mesmos percursos de segregação-reação? Os cursos de formação de profissionais desses jovens-adultos e adolescentes os ajudarão a entender e acompanhar esses percursos humanos-desumanos de teimosas tentativas (Aroyo, 2017, p. 27).

Nesse sentido, o/a educador/a deve buscar constantemente estratégias que dialoguem com a realidade dos/as educandos/as, favorecendo não apenas o aprendizado de conteúdos escolares, mas também o fortalecimento de sua autoestima, identidade e participação cidadã (Arroyo, 2017). Sobre essa trajetória, Arroyo considera que o/a educando/a deve estar munido/a de um saber que ancore as suas vivências ao percurso que o/a levou até onde está no momento.

3. ESTÁGIO SUPERVISIONADO: APRENDIZAGENS A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA NA EJA

Ao iniciar o período de observação, foi possível notar a diversidade desses sujeitos na turma em que o Estágio se deu, que eram em sua maioria idosos/as. Com esse olhar voltado apenas para a real observação, podemos perceber algumas particularidades que os tornavam únicos, desde os gestos até as falas, nas quais era possível notar traços de suas trajetórias e das formas como se expressavam. Nesse contexto, compreender a observação como um processo meramente técnico seria limitar sua potência, conforme apontam Mello, Barbosa e Faria:

“Observar” significa acima de tudo "conhecer". Mas não se trata de um conhecimento abstrato, trata-se de uma emoção do conhecimento que contém toda a nossa subjetividade, expectativas, aquilo que esperamos que aconteça, nossas hipóteses e nossas teorias de referência, nas quais nós também estamos refletidos (Mello; Barbosa, Faria, 2017, p. 29)

A observação consegue nos mostrar mais do que acreditamos ver, como possíveis emoções não verbalizadas e até mesmo como cada sujeito se posiciona no ambiente ao qual está inserido. A observação ativa, como destaca Madalena Freire:

Observar não é invadir o espaço do outro, sem pauta, sem planejamento, nem devolução, e muito menos sem encontro marcado... Observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminada por ela. Observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim, fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela, na cumplicidade da construção do projeto, na cumplicidade pedagógica(2009, p. 4).

Durante o Estágio, realizado entre os meses de julho e dezembro de 2024, foi possível observar as várias formas em que os sujeitos da EJA buscam permanecer no ambiente escolar, mesmo enfrentando muitas vezes desafios pessoais, sociais ou até mesmo pedagógicos, já que sentiam dificuldade para entender o assunto abordado na sala.

Como informado anteriormente, o Estágio foi realizado em uma escola localizada no centro da cidade de Joaquim Gomes, no estado de Alagoas. A escola fica próxima à minha residência, portanto, sempre cheguei rapidamente ao local, indo a pé. Na minha ida inicial à escola, fui recebida pela gestora da instituição, que me apresentou inicialmente ao professor responsável pela turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que eu iria acompanhar. O professor foi bastante receptivo e me explicou diversos aspectos sobre os estudantes da turma, sempre buscando me deixar ciente dos conteúdos tratados em sala de aula.

Segundo o PPP, a escola oferece o Ensino Fundamental, anos iniciais e finais, e a Educação de Jovens e Adultos, atendendo, em sua maioria, estudantes provenientes de famílias com baixa renda. A estrutura física da escola conta com oito salas de aula bem ventiladas, biblioteca, sala de informática com acesso à internet, pátio coberto e espaço acessível a pessoas com mobilidade reduzida. Minha experiência de estágio aconteceu em uma turma que contava com 30 alunos/as matriculados/as, no entanto, apenas de sete a doze compareciam às aulas regularmente. Quando iniciei o período de observação, não pude acompanhar os/as alunos/as em sala de aula, pois a escola estava passando por um período de capacitação profissional.

Essa capacitação era oferecida a todos/as os/as alunos/as que demonstraram interesse em realizar cursos técnicos voltados para determinadas profissões, como corte e costura, auxiliar de escritório e manicure. Inicialmente, a proposta era que todos/as participassem das formações, no entanto, segundo relato da gestora, muitos alunos/as passaram a utilizar esse período como justificativa para se ausentar da escola. Diante disso, a equipe escolar decidiu que os/as estudantes que não tivessem interesse nos cursos deveriam permanecer em sala de aula, dando continuidade aos estudos. Apesar da medida, esse foi o período com maior índice de evasão escolar, sendo que muitos/as alunos/as deixaram de frequentar as aulas por meses.

O fato de ser um período de eleições municipais também contribuiu com a baixa frequência, já que muitos desses/as estudantes trabalhavam em instituições da gestão municipal e participavam ativamente da campanha eleitoral. Minha chegada à escola se deu

no período em que os cursos técnicos estavam sendo encerrados, inclusive pude participar da cerimônia de encerramento, junto com os/as alunos/as que realizaram os cursos, em seguida iniciou o período de regência, o qual passo a apresentar.

No meu primeiro dia de regência, ao chegar na escola para dar continuidade ao meu Estágio, fui informada que o professor responsável pela turma de EJA não compareceria, pois havia sido dispensado e a turma seria desfeita por falta de alunos/as. Após essa comunicação, entrei em contato com o professor, que me orientou a procurar outra professora para acompanhar. A turma de EJA foi desfeita sem prévio aviso aos/as alunos/as, o que causou certa confusão. Diante dessa situação inesperada, conversei com outra professora que já estava no local, informando sobre minha condição de estagiária e perguntando se seria possível me integrar a turma dela para dar continuidade ao Estágio. Inicialmente, ela hesitou, mas, após explicações sobre o meu plano de atividades e o objetivo do estágio, aceitou que eu fizesse a regência, com o compromisso de me apoiar na adaptação do conteúdo, caso fosse necessário.

A partir dessa nova definição, dei início ao planejamento das atividades. O planejamento da sequência didática foi inicialmente pensado para uma turma de alunos/as já alfabetizados/as, que era o contexto da turma em que eu era estagiária inicialmente, mas ao ser inserida na nova turma, percebi que os/as alunos/as apresentavam diferentes níveis de alfabetização. A professora me informou que alguns alunos/as eram alfabetizados, enquanto outros ainda estavam em processo de aprendizagem da leitura e escrita. Apesar dessa diversidade, ela autorizou que continuasse com o planejamento original, prometendo me auxiliar na adaptação das atividades para os/as alunos/as com mais dificuldades. Considerando os diferentes níveis de aprendizagem na EJA, para Gouveia e Silva (2015, p. 752), “existe então a necessidade de se repensar as práticas na EJA para que haja uma educação inclusiva, isto é, de modo que possam ser criadas estratégias para oferecer um ensino que atenda a todos”.

Considerando a adaptação, planejei uma sequência didática que consistia em realizar a leitura e a análise do poema "Recomeço", de Bráulio Bessa, com foco na interpretação e no reconhecimento de palavras para rimar. As palavras eram: acreditar, vida, pesado e estrada. O objetivo era trabalhar com a conscientização de que, muitas vezes, na vida precisamos recomeçar, e que isso faz parte do processo de aprendizado.

3.1 Primeira Regência - dia 09/10/2024

Ao iniciar a atividade, me apresentei à turma, expliquei a minha função de estagiária e a finalidade da atividade proposta. Os/As alunos/as ouviram atentamente o poema "Recomeço", recitado por Bráulio Bessa. Em seguida dialogamos sobre a mensagem do poema, ressaltando a importância do recomeço e a superação de desafios, o que gerou uma troca rica de experiências, já que compartilhei um pouco da minha trajetória como ex-aluna de EJA, aos 18 anos, acabei ingressando na Educação de Jovens e Adultos no período noturno, após ser reprovado por um professor durante o ensino regular. Essa reprovação me desmotivou bastante e me afastou temporariamente dos estudos. No entanto, enxerguei na EJA uma oportunidade de retomar e concluir minha educação. Na época, era possível cursar o 1º e o 2º ano juntos, o que facilitou meu progresso. Apesar das dificuldades, essa fase foi fundamental para que eu encerrasse um ciclo importante da minha vida escolar e encontrasse o valor da educação.

Em seguida, foi entregue o poema impresso "Recomeço", de autoria do poeta Bráulio Bessa, com algumas palavras sublinhadas para que os/as alunos/as identificassem outras palavras que rimassem com elas. Durante essa atividade, percebi que para muitos/as alunos/as era um desafio associar palavras que rimavam, o que dificultou o andamento da tarefa. A professora que me acompanhava sugeriu que eu escrevesse o poema no quadro e realizasse a leitura conjunta com a turma. Seguindo a dinâmica proposta pela professora, o poema foi escrito no quadro para que fosse feita uma leitura coletiva, considerando que muitos alunos ainda não estavam completamente alfabetizados. Essa abordagem facilitou o acompanhamento, pois pude ir explicando as palavras e seus significados durante a leitura, promovendo uma maior compreensão por parte dos/as alunos/as.

A turma era composta por sete alunos/as, sendo que quatro deles estavam em processo de alfabetização. Entre esses/as, havia uma mãe e sua filha. A mãe, infelizmente, não sabia ler nem reconhecer as letras, conseguindo apenas copiar palavras do quadro. A filha, embora soubesse ler, apresentava desafios no reconhecimento e compreensão de várias palavras, o que gerava confusão durante a atividade. Os outros 5 (cinco) alunos/as da turma eram alfabetizados/as, mas também encontravam desafios em associar as palavras ao seu

significado, o que exigiu um trabalho diferenciado e mais próximo para facilitar a compreensão do conteúdo.

Acompanhando as bancadas, trabalhei diretamente com os/as alunos/as analfabetos/as, oferecendo explicações mais detalhadas e realizando a atividade de forma mais interativa. Para a mãe e a filha, fizemos uma leitura mais pausada e trabalhamos o reconhecimento de algumas palavras simples, além de incentivá-las a buscar o significado das palavras por meio de imagens e associações. Não foi possível cumprir todo o planejamento do dia, pois os/as alunos/as tiveram muita desafios para finalizar a primeira atividade, o que me permitiu aprender que o planejamento, como dizem Gandin e Cruz (2006), possui um caráter processual e atividade em constante transformação. O planejamento é a organização do trabalho pedagógico, mas precisa ser revisitado a todo tempo, para atender as demandas reais das salas de aula e das escolas.

3.2 Segunda Regência - dia 16/10/2024

No segundo dia de regência, compareceram à aula seis alunos/as. Iniciei a atividade com uma conversa inicial sobre o conteúdo do dia. Após a experiência da primeira aula, percebi que alguns aspectos do planejamento anterior estavam acima das expectativas e desafios dos/as alunos/as, por isso decidi ajustá-lo, optando por atividades mais simples que se adequasse aos alunos/as. Com isso, escolhi uma atividade que envolvia completar palavras com a "sílabas que falta". A proposta estava vinculada às palavras do poema "Recomeço", de Bráulio Bessa, o qual já havia sido trabalhado anteriormente. Distribuí uma folha impressa com as palavras, para que os/as alunos/as pudessem completar as lacunas.

No início, alguns alunos/as conseguiram realizar a tarefa de forma rápida e tranquila, mas para outros/as foi um desafio, mesmo com as palavras já escritas no quadro, o que havia sido sugerido pela professora. Aos poucos, fui compreendendo que esse tipo de abordagem fazia parte do método pedagógico da professora, o que me permitiu ajustar minha forma de acompanhamento. Ofereci suporte individual aos/às alunos/as que encontraram mais desafios para realizar a tarefa, ajudando-os/as a perceber a lógica das palavras e as sílabas que faltavam. Após o término dessa parte da atividade, seguimos para a próxima etapa do estágio.

A segunda atividade do dia foi uma dinâmica intitulada "Se eu pudesse falar comigo mesmo, quando criança". Para isso, entreguei a cada aluno/a um pedaço de papel em branco, no qual deveriam escrever algo para si mesmos/as no passado, com base na reflexão sobre o

que gostariam de ter dito a si mesmos quando eram mais jovens. Inicialmente, a maioria dos/as alunos/as alegou que não sabia o que escrever, mas, após uma breve conversa, alguns começaram a se envolver na proposta e a refletir sobre suas escolhas e experiências. Alguns escreveram frases como "estude mais", "não desista" e "trabalhe menos". Foi um momento de introspecção e autoconhecimento, e pude perceber a importância da atividade na construção do vínculo entre os/as alunos/as e o conteúdo trabalhado. No final da aula, agradei pela participação e empenho de todos/as, destacando a importância da reflexão e da colaboração durante o dia. Esse segundo encontro foi essencial para compreender melhor o perfil dos alunos e ajustar seu planejamento às suas necessidades.

3.3 Terceira Regência - 23/10/2024

No terceiro dia de regência, a turma contou com a presença de 10 alunos/as. Para iniciar a aula, optei por realizar uma dinâmica que abordasse um tema relevante para os/as estudantes da Educação de Jovens e Adultos: a evasão escolar. Iniciei com uma breve conversa sobre a dificuldade que muitos/as alunos/as enfrentam para se manterem assíduos na escola, especialmente aqueles/as que têm outras responsabilidades, como o trabalho e a família. A professora complementou essa introdução, mencionando alguns alunos/as que haviam se ausentado, mas destacando que entendia as razões de suas faltas. No entanto, ela enfatizou a importância da frequência para os/as alunos/as que estavam presentes.

Dando continuidade à conversa, fiz algumas perguntas para estimular a reflexão dos alunos, como "Quais os desafios que você enfrenta para continuar estudando?" e "O que te motiva a permanecer estudando?". A proposta era que cada aluno/a escrevesse suas respostas em *post-its* para montarmos um mural, mas, ao perceber que a maioria da turma ainda não era alfabetizada, decidi seguir a abordagem sugerida pela professora. Para isso, escrevi as respostas no quadro, criando duas colunas: "Motivos para permanecer" e "Motivos que dificultam".

Fui chamando um/a a um/a para compartilhar suas respostas, e a turma participou de forma ativa e reflexiva. Muitos apontaram como dificuldades a conciliação entre os estudos, os cuidados com os/as filhos/as, o trabalho e as responsabilidades domésticas. Por outro lado, os motivos para continuar estudando foram majoritariamente relacionados ao desejo de aprender a ler e escrever, o que representava uma possibilidade de alcançar um futuro melhor, tanto para eles/as quanto para suas famílias. A dinâmica se mostrou importante, pois

proporcionou um espaço para que eles/as compartilhassem suas experiências e percepções, além de fortalecer o vínculo com a aprendizagem.

Após essa atividade, dei continuidade à aula com uma proposta mais prática: um caça-palavras. A atividade consistia em localizar e sublinhar as palavras que estavam presentes na folha. A execução foi tranquila, sem grandes desafios, e observei que os/as alunos/as se ajudaram bastante. Alguns fazem perguntas uns aos outros/as e trocam dicas sobre as palavras que faltavam, criando um ambiente colaborativo e de interação, o que demonstrou um bom nível de cooperação entre eles/as.

Ao final da atividade, fiz uma breve reflexão com a turma sobre o que aprendemos no dia e agradei pela participação. Encerrei minha regência destacando a importância da colaboração e do apoio mútuo no processo de aprendizagem, especialmente para aqueles/as que enfrentam tantas dificuldades externas para continuar seus estudos. Esse terceiro dia foi importante para perceber como as dinâmicas de interação e as atividades mais simples podem contribuir para o engajamento dos/as alunos/as da EJA, ao mesmo tempo em que me permitiu adaptar minhas práticas pedagógicas às necessidades e realidades da turma.

3.4 Quarta Regência - 24/10/2024

No quarto dia de regência, que ocorreu no dia seguinte ao terceiro, compareceram 7 (sete) alunos/as para a finalização da sequência didática. Para iniciar a aula, começamos com uma conversa sobre o que havíamos trabalhado ao longo dos encontros anteriores. Relembrei os/as alunos/as as atividades realizadas, como a dinâmica sobre evasão escolar, os motivos para continuar estudando e as reflexões sobre os desafios enfrentados por eles/as. Esse momento de revisão foi importante para reforçar os conteúdos e prepará-los/las para a atividade final.

Expliquei, então, a atividade proposta para aquele dia, que consistia em escrever sobre um momento marcante de suas vidas. A ideia era que os/as alunos compartilhassem uma conquista ou experiência significativa, algo pessoal que tivesse marcado sua trajetória. Para os/as alunos/as que não se sentissem à vontade para escrever, também sugeri que pudessem compartilhar verbalmente, e eu anotava as respostas no quadro.

Os/As alunos/as ficaram pensando por um tempo, refletindo sobre o que poderiam escrever. Nesse momento, a professora, que estava acompanhando a aula, se prontificou a

compartilhar com a turma algumas de suas próprias conquistas. Ela falou sobre as dificuldades que enfrentou para se tornar professora, mencionando que muitos colegas desistiram ao longo do caminho, mas que ela persistiu até alcançar a estabilidade e realizar seu sonho de conquistar a casa própria. Para ela, essa foi a sua maior conquista e, ao contar essa história, ela estimulou os/as alunos/as a pensarem sobre suas próprias vitórias.

Após a fala da professora, alguns alunos/as se sentiram motivados/as a escrever sobre suas experiências, enquanto outros/as preferiram compartilhar em voz alta, para que eu pudesse anotar no quadro. Para a minha surpresa, todos/as os/as alunos/as que se pronunciaram apontaram que sua maior conquista era a casa própria. Isso refletiu a importância que essa conquista tem, especialmente considerando os desafios financeiros e pessoais que muitos enfrentam. Aqueles/as que optaram por escrever entregaram seus papéis de forma silenciosa, sem fazer comentários, o que demonstrou uma certa introspecção, talvez por serem momentos pessoais e íntimos.

Após essa atividade, propus uma dinâmica de finalização que visava reforçar a autoestima e a valorização pessoal. Coloquei três caixas na frente da turma, cada uma contendo fotos de pessoas conhecidas. As duas primeiras caixas continham fotos da cantora Marília Mendonça e do cantor Gustavo Lima, e a terceira caixa continha um espelho. Pedi que alguns voluntários/as se apresentassem para participar da dinâmica.

O primeiro momento consistiu em pedir aos/às alunos/as que falassem algo positivo sobre as pessoas nas fotos. Começamos com Marília Mendonça. Alguns alunos/as disseram coisas como "bonita", "boa cantora", "talentosa", entre outros elogios. Passamos para a caixa com a foto de Gustavo Lima, e as respostas foram semelhantes, com comentários como "bom cantor", "bonito", "simpático". Foi um momento descontraído e envolvente, em que todos/as participaram com entusiasmo.

Porém, quando mostrei a caixa com o espelho, a reação dos/as alunos/as foi diferente. Eles/as hesitaram, riram nervosamente e, ao serem convidados/as a falar sobre a pessoa no espelho, muitos disseram que não queriam comentar ou afirmaram que não se achavam bonitas. A dinâmica gerou um clima de descontração, mas também trouxe à tona um aspecto importante: a dificuldade que muitos têm de se olhar e se valorizar de maneira positiva. Foi um momento divertido, mas que também despertou uma reflexão importante sobre autoestima

e como somos rápidos/as em enxergar qualidades nos/as outros/as, mas muitas vezes não conseguimos reconhecer nossas próprias virtudes.

Para finalizar a aula, conversei com os/as alunos/as sobre a atividade realizada, ressaltando a importância de valorizar as qualidades dos/as outros/as, mas também de reconhecer as nossas próprias qualidades. Falei sobre como todos/as nós somos bons, bonitos/as e incríveis à nossa maneira, e que é fundamental aprendermos a nos ver de forma positiva, reconhecendo nossas conquistas e respeitando nossos próprios processos. Enfatizei que, assim como valorizamos os outros, devemos também ser gentis conosco e celebrar nossas vitórias, grandes ou pequenas.

Esse quarto dia de regência foi muito significativo, pois não apenas finalizei a sequência didática, mas também pude proporcionar um momento de reflexão importante sobre autoestima e autoconhecimento. A atividade foi um espaço para os/as alunos/as se expressarem, refletirem sobre suas próprias histórias e compreenderem a importância de se reconhecerem como pessoas capazes e valiosas. Além disso, a dinâmica foi uma oportunidade de trabalhar de forma leve e descontraída um tema profundo e necessário, que impacta diretamente na aprendizagem e no bem-estar dos alunos.

3.5 Reflexões sobre as vivências do Estágio

Durante o Estágio Supervisionado na Escola Municipal de Ensino Fundamental, vivenciei experiências desafiadoras e enriquecedoras que contribuíram significativamente para minha formação como futura docente, especialmente no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A experiência foi marcada pela necessidade de substituir o planejamento coerente com os níveis da turma, pela importância de personalizar o ensino de acordo com as diferentes realidades dos/as alunos/as.

Logo no início, enfrentei desafios de ter uma turma desfeita devido à falta de alunos/as, o que me forçou a ser criativa e a buscar alternativas para dar continuidade ao Estágio, integrando outra turma. Esse momento me ensinou a importância da flexibilidade e da comunicação com os/as colegas para encontrar soluções viáveis em situações imprevistas.

Trabalhar com a diversidade de níveis de alfabetização foi outro grande desafio. Em uma das atividades consistiu na análise do poema "Recomeço", de Bráulio Bessa (2018) percebi a necessidade de utilizar estratégias diferenciadas de ensino para atender a alunos/as

com diferentes habilidades. Essa experiência me reforçou a importância de personalizar a instrução e adaptar as atividades às necessidades de cada aluno/a, um princípio fundamental que aprendi na minha formação acadêmica.

Além disso, a dinâmica de reflexão sobre a evasão escolar, realizada com os/as alunos/as, me fez perceber como fatores externos, como a necessidade de trabalhar e cuidar de filhos, influenciam o processo de aprendizagem. Esse momento de troca de experiências me conscientizou sobre a importância de criar um ambiente escolar acolhedor, que compreenda as dificuldades dos/as alunos/as e os ajude a superar seus desafios, tanto acadêmicos quanto pessoais.

Por fim, atividades como a escrita de cartas para si mesmos, que permitiram aos alunos/as refletir sobre suas escolhas e desafios, reforçaram a importância do autoconhecimento e da valorização pessoal no processo educativo, especialmente em uma turma de EJA, em que muitos/as enfrentam um histórico de fracasso escolar. Essas experiências me ajudaram a entender que a educação vai além do conteúdo; ela deve ser um espaço de escuta, empatia e valorização das histórias de vida dos alunos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio foi uma experiência marcante e fundamental para a minha formação como futura docente. A convivência direta com os alunos, a vivência de desafios cotidianos da escola e o contato com a realidade da EJA me proporcionaram uma compreensão mais profunda sobre a complexidade do processo educativo, a diversidade de realidades e as diferentes necessidades de aprendizagem dos/as estudantes. Uma das principais aprendizagens que adquiri durante o Estágio foi a importância de fazer um planejamento coerente com os níveis da turma, de acordo com a realidade de cada um.

No contexto da EJA, os/as alunos/as possuem uma vasta diversidade de experiências de vida e de níveis de alfabetização, o que exige do/a professor/a uma flexibilidade para ajustar as atividades e oferecer o suporte necessário, sem perder de vista os objetivos de aprendizagem. O Estágio Supervisionado e as práticas de ensino representam um momento crucial na formação docente, pois permitem a articulação entre teoria e prática, promovendo reflexões sobre as ações pedagógicas e construindo caminhos para que futuros/as professores/as desenvolvam um olhar crítico sobre a profissão e a realidade escolar (Rodrigues, 2013). Além disso, o desafio de superar a fragmentação dos currículos,

promovendo uma relação entre teoria e prática, é um ponto amplamente discutido como essencial para a formação de educadores/as mais preparados/as para enfrentar os desafios do ensino.

O Estágio me permitiu compreender a importância da empatia e do acolhimento no processo de ensino-aprendizagem. Muitos alunos/as da EJA enfrentam dificuldades externas, como a conciliação do estudo com o trabalho e os cuidados familiares, o que impacta diretamente na sua presença e motivação para continuar os estudos. Reflexões sobre evasão escolar e os fatores que dificultam a continuidade da aprendizagem emergiram durante as dinâmicas e as conversas na escola, o que me fez perceber que, para além do conteúdo, a escola deve ser um espaço de apoio emocional e incentivo para esses/as alunos/as, muitas vezes desacreditados de sua própria capacidade.

A experiência também me fez refletir sobre o papel do/a educador/a em relação à autoestima e ao autoconhecimento dos/as alunos/as. A dinâmica de reflexão sobre a valorização pessoal, por exemplo, foi um momento significativo, pois muitos/as alunos/as se mostraram mais dispostos a reconhecer suas vitórias ao refletirem sobre suas trajetórias de vida. Isso reforçou a importância do/a professor/a não como “transmissor/a” de conhecimento, mas como um/a facilitador/a do desenvolvimento pessoal dos/as estudantes, ajudando-os a se perceberem como sujeitos capazes e dignos de conquistar seus objetivos.

O Estágio Supervisionado contribuiu de forma decisiva para minha formação, pois me proporcionou um aprendizado prático e reflexivo, essencial para o desenvolvimento das minhas competências docentes. Além de fortalecer meus conhecimentos pedagógicos, como o planejamento, a execução de atividades e o acompanhamento da aprendizagem, o Estágio me fez compreender melhor a realidade das escolas públicas e as implicações que impactam o processo educativo.

Como futura docente, esta etapa me ensinou que a educação vai muito além do currículo e das metodologias tradicionais. Ela envolve, sobretudo, a capacidade de se conectar com os/as alunos/as, de ouvir suas histórias, respeitar suas dificuldades e ajudá-los a superar seus desafios. Refletir sobre as experiências vivenciadas no Estágio me motivou a buscar sempre um ensino mais inclusivo, acolhedor e humano, que considere as particularidades de cada estudante e que, acima de tudo, valorize o processo contínuo de aprendizagem e de transformação que a escola pode proporcionar.

REFERÊNCIAS:

AMORIM, A.; DUQUES, M. L. F. Formação de educadores de EJA: caminhos inovadores da prática docente. **Educação**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 228-239, maio/ago. 2017.

ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA – Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

COURA, Isamara Grazielle Martins. Entre Medos e Sonhos: Nunca é Tarde para Estudar: A Terceira Idade na Educação de Jovens e Adultos. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008, [local não informado]. **Anais...** [S. l.: s. n.], 2008.

FOLHA DE S. PAULO. IBGE: taxa de analfabetismo tem mínima no Brasil em 2024. **Folha de S. Paulo**, 13 jun. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE WEFFORT, Madalena. **Observação, registro, reflexão**: instrumentos metodológicos. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

GOUVEIA, Daniele da Silva Maia; SILVA, Alcina Maria Testa Braz da. A formação educacional na EJA: dilemas e representações sociais. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 749-767, set./dez. 2015.

IBGE. **PNAD Contínua 2024**: Educação. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

JARA H., Oscar. **Para sistematizar experiências**. Tradução de Maria Viviana V. Resende. 2ª ed., revista. – Brasília: MMA, 2006. 128 p. ; 24 cm. (Série Monitoramento e Avaliação 2).

MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Org.). **Documentação pedagógica**: teoria e prática. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. 131 p.

BESSA, Bráulio. **Poesia que transforma**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, Tânia Maria de Melo. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos**: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. 3. ed. Maceió: EDUFAL, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis Pedagógica**, Goiânia, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542/7012>. Acesso em: [inserir data de acesso].

RODRIGUES, Micaías Andrade. **Quatro diferentes visões sobre o estágio supervisionado**. Teresina: Universidade Federal do Piauí, [2013].

SILVA, Haíla Ivanilda; GASPAR, Mônica. Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 99, n. 251, p. 205-221, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/hX97HhvkMZnDnkxLyJtVXzr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: [inserir data de acesso].

SIMÃO, Ana Margarida da Veiga; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Histórias de vida em pesquisa (auto)biográfica: circuito que inclui tempos, lugares e autorregulação da aprendizagem. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 13, p. 71-90, jan./abr. 2020.